



MANUAL DO MÉTODO BAMBU

Construindo Municípios Saudáveis

PROJETO MUNICÍPIOS SAUDÁVEIS NO NORDESTE DO BRASIL

Municípios Saudáveis
no Nordeste do Brasil





MANUAL DO MÉTODO BAMBU

Construindo Municípios Saudáveis

PROJETO MUNICÍPIOS SAUDÁVEIS NO NORDESTE DO BRASIL

Recife 2007

ORGANIZADORES DO MANUAL DO MÉTODO BAMBU

Ronice Franco de Sá
Janete Arruda Araújo
Maria do Socorro Machado Freire
Rosane Senna Salles
Junko Chuma
Harumi Royama
Motoyuki Yuasa
Saeko Yamamoto
Abel Menezes Filho

Revisão de Texto

Maria do Socorro Machado Freire
Janete Arruda Araújo
Ronice Franco de Sá
Rosane Senna Salles

Projeto Pedagógico

Alice Miriam Happ Botler

Projeto Gráfico

Gerson Flávio
Karine Raquel

Ilustrações

Marcelo Figueiredo

Direitos Autorais / 2007

Núcleo de Saúde Pública e Desenvolvimento Social - NUSP/UFPE
Av. Prof. Moraes Rego, s/n - Hospital das Clínicas, 4º andar - Bloco E
Cidade Universitária - CEP. 50.670-901
Recife - PE - Brasil
Fone: (81) 2126.8552
E-mail: nusp@ufpe.br
Site: www.nusp.ufpe.br

SUMÁRIO

1 Apresentação: Bem Vindo ao Manual do Método Bambu!	5
Considerações prévias	6
2 Introdução ao Método Bambu	7
2.1 O que é o Método Bambu?	8
2.2 Qual o objetivo do Método Bambu?	9
2.3 Quais os fundamentos do Método Bambu?	9
3 O Facilitador	11
3.1 O que é preciso para ser facilitador?	11
3.2 Bases para começar a organizar o trabalho	11
3.3 Construindo relações saudáveis	12
4 Praticando o Método: a Oficina Bambu	14
4.1 As oficinas	14
4.2 O planejamento do facilitador: passo a passo	15
4.3 Uma experiência de oficina	23
5 Considerações a respeito do acompanhamento e da avaliação	26
6 Sugestões de leituras	
Referências consultadas	
Apêndice	
Anexos	

*“Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.”*
(Paulo Freire, 1987)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às comunidades, prefeitos, gestores, supervisores e facilitadores do Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil de Barra de Guabiraba, Bonito, Camocim de São Félix, Sairé e São Joaquim do Monte.

Juntos fomos capazes de construir esse método e juntos devemos difundi-lo, acreditando e investindo no seu êxito.

1 APRESENTAÇÃO:

Bem vindo ao Manual
do **Método Bambu!**



Este manual pretende orientar facilitadores das comunidades a mobilizarem democraticamente seus grupos de referência, com vistas a identificarem valores particulares por meio da criatividade e do talento individual e coletivo em busca da autovalorização do grupo social.

Organizado de forma a orientar lideranças, trata desde o relacionamento com as pessoas da comunidade até a organização do trabalho.

Explica o que é o método, orienta o facilitador a respeito das características de liderança participativa, guia o trabalho a ser desenvolvido nas oficinas e encaminha para a avaliação das atividades realizadas.



Considerações prévias

Municípios saudáveis - é uma filosofia e uma estratégia política que prioriza a promoção da saúde dos cidadãos com uma visão ampla de qualidade de vida. Uma cidade saudável é aquela que coloca em prática, de modo contínuo, a melhoria de seu meio ambiente físico e social, utilizando todos os recursos de sua comunidade. Fundamenta-se na ação intersetorial e na participação social.



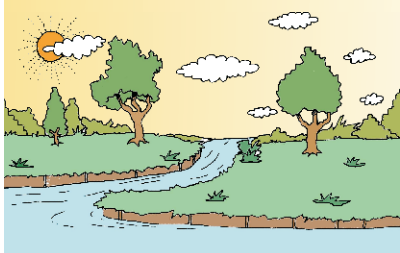
Promoção da saúde - é uma estratégia para melhorar a qualidade de vida da população através de uma ação comum entre vários setores. Promove a gestão compartilhada entre os usuários, movimentos sociais e trabalhadores de diversos setores, produzindo autonomia e co-responsabilidade. A promoção da saúde tem um campo de visão integral.

Metodologia afirmativa - é uma metodologia que visa a ampliação da participação social por meio das potencialidades e da promoção da auto-estima das pessoas, buscando transformar a realidade através do desenvolvimento de ações afirmativas.

Empoderamento - é quando a pessoa se informa, reflete e torna-se consciente de sua própria condição, do seu poder, esclarece para si mesma as mudanças que deseja em sua vida e as condições necessárias para realizar estas transformações. Isso significa que a pessoa muda de atitude em busca das modificações desejadas. Empoderamento é um movimento que acontece a partir da pessoa, internamente, como conquista de seu poder pessoal e é manifestado externamente, no coletivo.

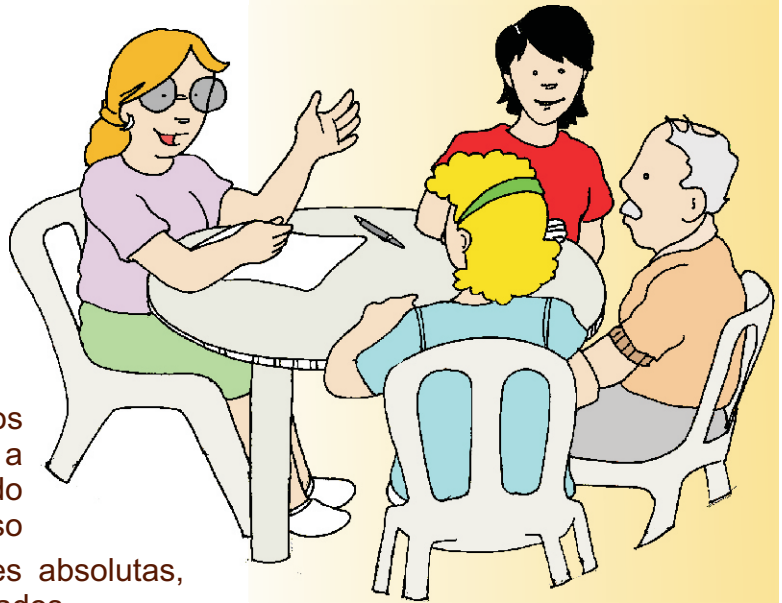
A **participação** - é uma prática social que traz resultados para a formação e transformação dos indivíduos e das coletividades. Ela permite diferenciar as origens e destinos das pessoas identificando talentos e esforços, motivando-as a seguirem novos rumos.

Quando a troca de saberes é democrática, ela valoriza as habilidades e o potencial de cada um e leva um grupo ou comunidade a criar novas formas de convivência mais saudáveis e proveitosas para todos. Assim, fortalece as potencialidades da comunidade e amplia sua capacidade de ação por meio da participação de todos.



2 INTRODUÇÃO AO MÉTODO BAMBU

Métodos são sugestões de caminhos, roteiros para orientar ações. Não temos uma fórmula, mas um esboço, um roteiro de valores éticos, teóricos e artísticos. Forma não é fôrma, um molde pronto a ser preenchido. Os caminhos são imprevisíveis e a criatividade é antes de tudo improviso. Por isso é preciso rir das certezas e verdades absolutas, dos modelos prontos e acabados.



O Método Bambu é um meio para impulsionar as potencialidades de uma comunidade, visando o seu fortalecimento e transformação. Consiste em se imaginar e buscar a plenitude da vida, fazendo de todo lugar um lar. Tudo começa a partir de experiências que já tiveram êxito nas ações de uma comunidade, para reforçar e ampliar o poder do coletivo, através da criatividade e do talento de cada indivíduo, fazendo florescer a vida no dia-a-dia; une o sentimento de pertencimento a um território e a cidadania, a convivência amorosa do grupo e a autonomia de cada pessoa.

O bambu é uma metáfora: seu crescimento é quase imperceptível, gradativo, persistente, acrescentando, a cada vez, outros nós; sua mensagem é a modéstia e a flexibilidade: ao vento forte verga, mas não quebra; por sua semelhança com a coluna vertebral ereta aponta para a dignidade humana; afirma que um pode ser muitos: é arco e flecha, anzol, vela e barco, papel, roupa, alimento e combustível, parede, teto, chão, porta, estante, mesa, cadeira, ponte... Contudo, além de ser uma metáfora é um símbolo que se encarna, na medida em que é plantado e cuidado pelo grupo, em cada comunidade, para aumentar a sua coesão, co-responsabilidade e eficácia simbólica.

O Método Bambu não nega, nem foge de problemas ou carências, mas não começa por eles. Sendo um meio afirmativo, primeiro aumenta o poder do coletivo, recordando os pontos fortes das comunidades e suas experiências bem sucedidas quando agiram em conjunto. Começa com ações simples, de interesse coletivo e de realização rápida.

(Texto retirado na íntegra de Menezes, Franco de Sá e Freire, 2006, p. 53).

2.1 O que é o Método Bambu?

O Método Bambu é a base do Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil, que estimula a inclusão social e o fortalecimento das potencialidades locais, **incentivando** o desenvolvimento sustentável para melhorar a qualidade de vida da população.

É um instrumento para dar vida às possibilidades da comunidade a partir do que há de bom, valorizando o poder do grupo através da criatividade e do talento de cada pessoa.



“É preciso muita fibra para chegar às alturas e, ao mesmo tempo, muita flexibilidade para se curvar ao chão” (Covey)

2.2 Qual o objetivo do Método Bambu?

O Método Bambu pretende melhorar a qualidade de vida das pessoas por meio da estimulação à participação e busca da autonomia. Pretende impulsionar o fortalecimento e desenvolver as potencialidades das comunidades por meio da troca de saberes. Promove a saúde em um ambiente social de desenvolvimento e solidariedade.



2.3 Quais os fundamentos do Método Bambu?

O Método Bambu se preocupa com a mudança social.

Trabalha com uma metodologia afirmativa, isto é, rompe com a imobilização porque reconhece as diferenças individuais e se baseia na afirmação de

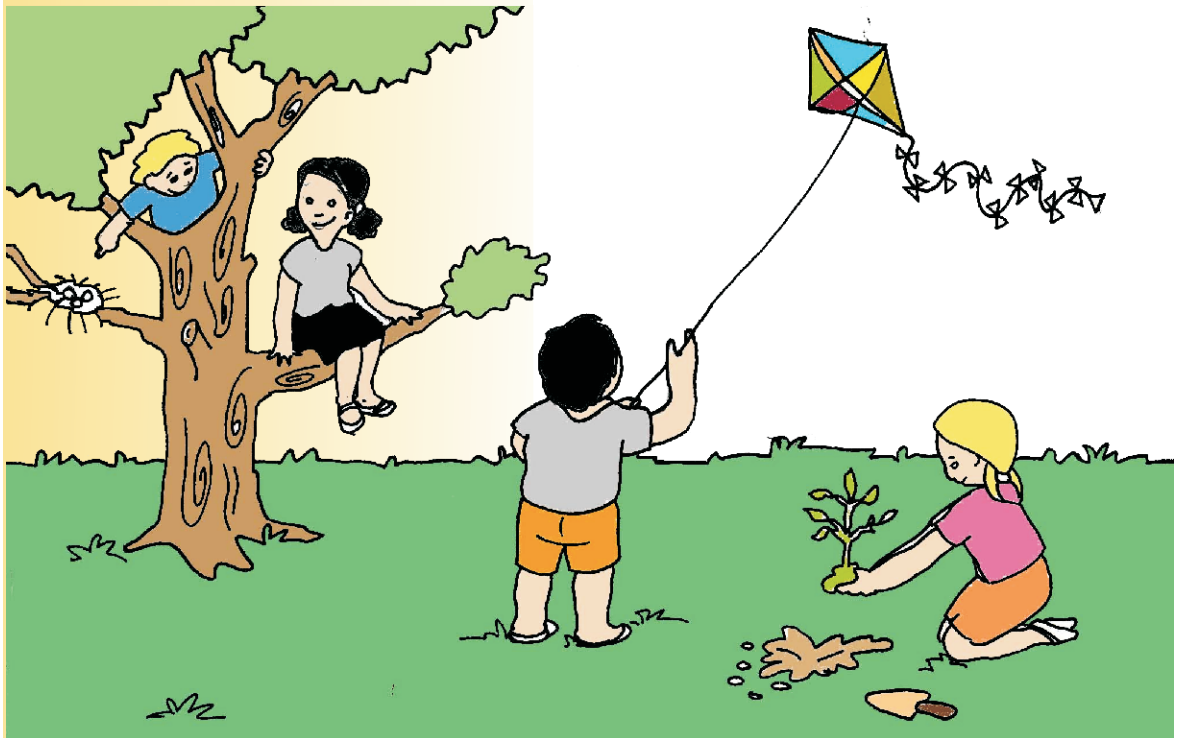


uma identidade do grupo, valorizando o potencial de cada pessoa e da comunidade. Tem uma visão positiva do presente e do futuro.

Tem como base o sentimento de pertencimento comunitário e valoriza a participação, a idéia de que todos fazem parte e, por isso mesmo cuidam da comunidade.

Valoriza o poder do coletivo, a solidariedade, a autonomia e a convivência ética dos indivíduos e dos grupos.

Começa com atividades mais simples e vai até as mais complexas, levando em conta a pessoa como um todo e a união do grupo.



BAMBU

Bambu afirma o valor da vida como caminho

Autonomia e convivência amorosa do grupo

Movendo-se em espiral cuida do mundo em cada local

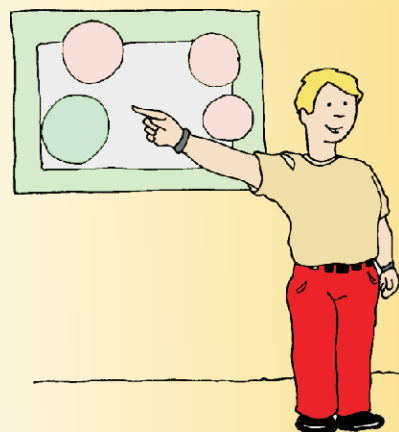
Baseando-se no poder do coletivo no dia-a-dia

Unindo território e cidadania

3 O FACILITADOR

3.1 O que é preciso para ser facilitador?

- a. O facilitador é um líder que tem a responsabilidade de motivar e guiar todos as atividades da oficina, estimulando o desenvolvimento das habilidades de cada um dos participantes.
- b. Ele é um *educador* e tem a facilidade de ouvir e ser ouvido, de ser visto pelo grupo como uma pessoa de referência, por seus modos de pensar e agir, por sua conduta no dia-a-dia.
- c. Ele é responsável pelo desenvolvimento pessoal e pela comunicação, já que no processo de aprendizagem colaborativa há interferência dos aspectos afetivo e emocional, além do conhecimento e da inteligência.
- d. O facilitador deve estar motivado a trabalhar com metodologias participativas e com a realização de mudanças na comunidade.
- e. O facilitador é um voluntário na construção dos municípios saudáveis.



3.2 Bases para começar a organizar o trabalho

A idéia é de que os laços do grupo sejam contínuos e que os participantes sejam respeitados em suas características integrais, com suas emoções e sentimentos, o que permite criar laços de confiança entre o facilitador e os participantes.

Para desenvolver um bom trabalho de grupo, é importante estabelecer boas relações de convivência, com:

Respeito: mesmo que o facilitador não concorde com tudo o que é dito, ele deve ouvir e respeitar as opiniões diferentes;

Compreensão: respeitar as pessoas como elas são, com suas características especiais, com suas limitações e necessidades individuais;

Cooperação: é a chave do bom desempenho, já que quando todos têm um mesmo objetivo, se obtém melhores resultados e benefícios;

Comunicação: É um processo pelo qual transmitimos





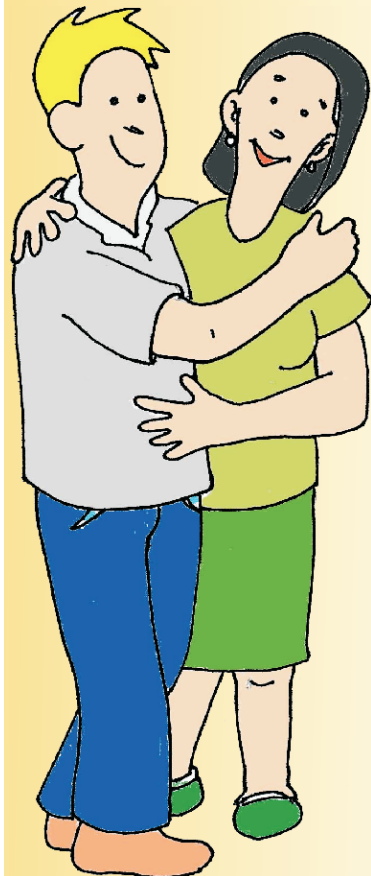
e recebemos informações, opiniões, idéias e atitudes, levando a uma melhor compreensão. É muito importante ter clareza sobre o que se pretende na oficina, trazer para os participantes os objetivos de cada momento e se certificar de que todos entenderam o que vão fazer a partir daquele encontro.

Gentileza: Ser amável e gentil facilita o entendimento, permitindo trabalhar em harmonia e colaboração. A cortesia custa pouco e vale muito.

Música: Coloque música tranqüila enquanto se desenvolvem as atividades, porque ajuda a soltar a imaginação.

O bom facilitador é aquele que primeiro pergunta e escuta as diferentes opiniões e maneiras de pensar e, depois, se posiciona; assim, ele estimula as pessoas a pensar e a participar.

3.3 Construindo relações saudáveis



Bom humor e leveza (alegria de viver)

Gentileza (gera gentileza)

Entusiasmo (cheio de Deus)

Coragem (a força do coração)

Humildade

Generosidade

Solidariedade

Compaixão

Amor

Fala (o modo, o tom, a altura, a atenção, o saber ouvir)

Chamar cada um pelo seu nome

Sentir prazer em estar com as pessoas

Ser generoso ao ressaltar as boas qualidades e cuidadoso ao criticar

Encontrar aspectos de valor na opinião das pessoas, ainda que discorde de algumas idéias: deve encontrar um meio termo entre a sua posição e a dos demais

Encaminhar a discussão para o tema, quando alguém relacionar fatos a nomes particulares

Garantir o direito e a liberdade dos participantes, inclusive assegurando que todas as opiniões sejam respeitadas e não comentadas fora do contexto do grupo.

Facilitando a convivência do grupo

Uma boa conversa é a melhor base para conseguir bons resultados e deve ser apoiada no respeito às opiniões dos outros.

O diálogo acontece entre duas ou mais pessoas e nos permite também aprender.

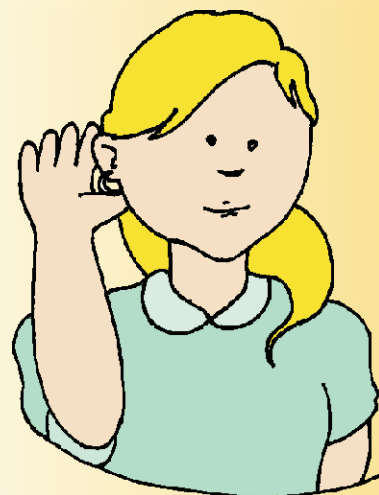
Ninguém deve ser pressionado a falar se não quiser.

Escutar é muito mais do que captar sons, é entender o que se diz, interiorizar, compreender e traduzir com algum tipo de resposta (uma ação, uma exclamação, um sentimento).

Ao escutar alguém, preste atenção não apenas em suas palavras, mas também em sua expressão, nos seus olhos, nos movimentos do seu corpo: eles podem estar dizendo algo.

Não interrompa alguém que está participando: espere o momento certo para fazer sua intervenção.

Se não entender algo ou tiver alguma dúvida, peça que repitam o que disseram: assim as pessoas ficam à vontade para se manifestarem quando também tiverem dúvidas.



4 PRATICANDO O MÉTODO: A OFICINA BAMBU

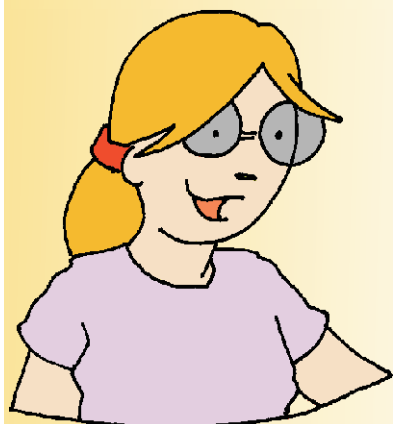
4.1 As oficinas



As oficinas são encontros de grupos para trabalhar a comunidade e para fazer com que pessoas isoladas se transformem em um grupo com objetivos comuns e com mais força.

Força significa estimular cada um a governar a si mesmo com consciência e implica conquista por parte do sujeito, ou seja, a força não é dada a alguém, ela é conquistada por cada um, seja no trabalho, seja na vida pessoal.

As oficinas têm caráter voluntário, ou seja, dependem da vontade das pessoas de participarem do grupo. Por isso mesmo, a maneira como o facilitador vai chegar para convidar e se relacionar é muito importante para que as pessoas queiram participar. (Em *Sugestões de Leituras há mais informações a respeito de Voluntariado*)



A quantidade ideal é entre 8 a 15 participantes para cada oficina.

As oficinas são uma maneira de organizar o grupo em função de um trabalho para melhorar a qualidade de vida de toda a vizinhança e para ter uma convivência saudável e feliz.

Comunidade traz as idéias de aconchego e segurança. Todos nós gostamos de conviver bem com pessoas amigas! Todos nós gostamos de ajudar e de sermos ajudados quando precisamos! Todos nós buscamos a felicidade!

4.2 O planejamento do facilitador: passo a passo.



1º momento: Semeando o Bambu (Pré-oficina)

Mobilizar e reunir o grupo na comunidade

- Planejar a data, local e hora;
- Convidar a comunidade;
- Escolher uma dinâmica de convivência (ver sugestões no Apêndice);
- Preparar o material necessário sugerido nesse passo a passo.

Direcionamento

Sugestão de convite

- Oi, Seu João, tudo bem? Eu tô tentando organizar o pessoal aqui da comunidade pra gente conseguir algumas melhorias. O senhor quer vir? A reunião vai ser dia ... no ... (lugar), às Horas.

2º momento: Começando a conversa

- Solicitar a auto-apresentação dos participantes.
- Apresentar o roteiro da oficina (objetivo, tempo e atividades).

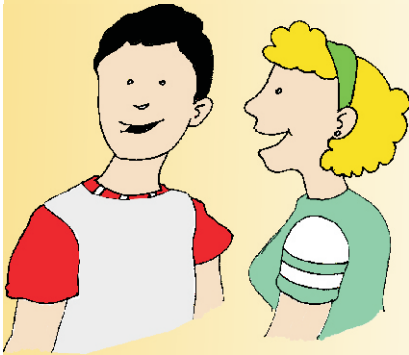
Aplicar a dinâmica que você escolheu para estimular uma boa convivência e fortalecer a auto-estima, autonomia e os laços afetivos entre as pessoas.

Estabelecer regras de convivência com o grupo de forma a garantir o tempo de fala de cada um.

- Você pode utilizar música, papel, tinta e outros materiais.

3º momento: Apresentando o projeto

Falar sobre o Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil (simbolismo, filosofia, objetivo e metodologia) e sobre o Método Bambu e a Promoção da Saúde.



- Para explicar, você pode precisar da ajuda de alguns cartazes, além das informações que já leu.
- É importante também passar uma lista de presença e registrar tudo o que foi conversado para funcionar como memória do grupo e, de vez em quando, tirar dúvidas sobre o que foi decidido em oficinas anteriores. (Ver sugestão no Apêndice)

4º momento: Identificando as potencialidades da comunidade

Identificar os pontos fortes da comunidade e suas experiências positivas quando agiram em conjunto para o bem comum.

Perguntar se alguém lembra de experiências positivas da comunidade, identificando seus pontos fortes;

Registrar em painel para visualização do grupo.

- Você pode usar papel madeira e pincel atômico.

Potencialidades

- Vamos pensar nas coisas boas que já fizemos em conjunto e que deram certo?

Quadro das experiências positivas

Experiências	Potencialidades
-----	-----
-----	-----
-----	-----
-----	-----

5º momento: Desejando e Criando

Descrever a realidade desejada para a comunidade

Pedir que todos descrevam a comunidade desejada para ter uma boa qualidade de vida. (desejos, sonhos, idéias);

- Você pode usar papel madeira e pincel atômico para registrar tudo.

- Como a gente imagina a comunidade desejada?

Comunidade desejada

Após o registro da comunidade desejada buscar uma idéia comum a todos que sintetize a comunidade desejada e transformá-la numa frase.

6º momento: Fazendo juntos e elaborando uma escala de prioridades

Este é o momento para definir os objetivos para atingir a comunidade desejada.

Perguntar o que podem fazer em conjunto para melhorar a vida.

Partindo do que temos hoje, o que podemos fazer de mais simples, agindo juntos, para melhorar nossas vidas?

Partindo do que temos...

1) -----
2) -----
3) -----
4) -----
5) -----

Criatividade

Colaboração



Prioridades

- Afixar o papel madeira e ir escrevendo uma lista de objetivos conforme as idéias das pessoas.

Elaborar uma escala de prioridades

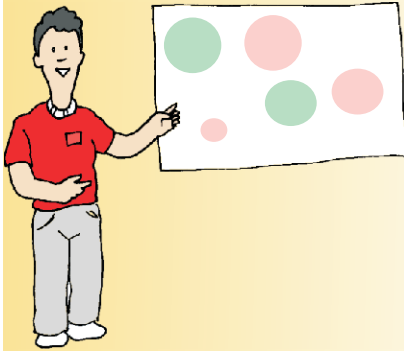
Após construção da lista de objetivos vamos tomar cada um desses objetivos e classificá-los de forma a identificar quais os prioritários.

Metas

Para tanto, utiliza-se dois critérios: interesse e tempo

As bolas vão significar o interesse (conforme o tamanho das bolas), o tempo (conforme as cores)

Interesse: atender a vontade da comunidade.



Bola grande: significa que há interesse da maioria da comunidade,

Bola média: interesse de alguns da comunidade;

Bola pequena: interesse de poucas pessoas da comunidade.

Tempo: atender a capacidade do grupo em realizar juntos, com os recursos existentes das ações mais simples as mais complexas.

Bolas verdes: significam que, para realizar a ação, precisa de pouco tempo.

Bolas rosas: significam que, para realizar a ação, precisa de muito tempo.

Recortar bolas de duas cores de cartolina em três tamanhos diferentes (ex: pequenas, médias, grandes / verde e rosa);

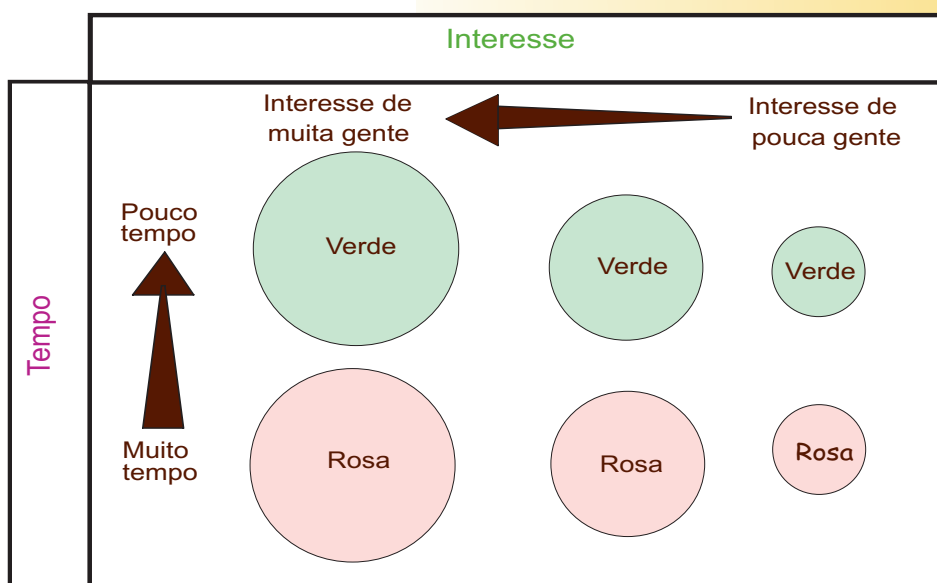
Para Elaborar uma escala de prioridades pergunte sobre cada objetivo:

- Este objetivo é de interesse da maioria, de alguns ou de poucos da comunidade?
- Quanto tempo precisamos para atingi-lo? Pouco tempo ou muito tempo?

Você vai precisar de duas folhas de papel madeira e pincel atômico, uma para listar os objetivos e outra para fazer o mapa, além de cartolinas de duas cores.

Para cada objetivo escrito no papel madeira, os participantes vão dizer o grau de interesse de cada objetivo e o tempo necessário para realizá-lo. Assim será feita a escolha da bola adequada para escrever o objetivo.

1. Vamos escolher que atividades escrever em cada bola !!!



2. Vamos escolher onde colocar !



Viabilidade

7º momento: Elaborando o Mapa das prioridades

Análise das prioridades e escolha dos objetivos mais simples

Construir aos poucos o mapa, dispondo as bolas com os objetivos em um quadrado grande desenhado em uma cartolina ou papel madeira. Perguntar ao grupo, para cada bola que contém uma ação desejada, qual a capacidade de realização daquela ação pela própria comunidade.

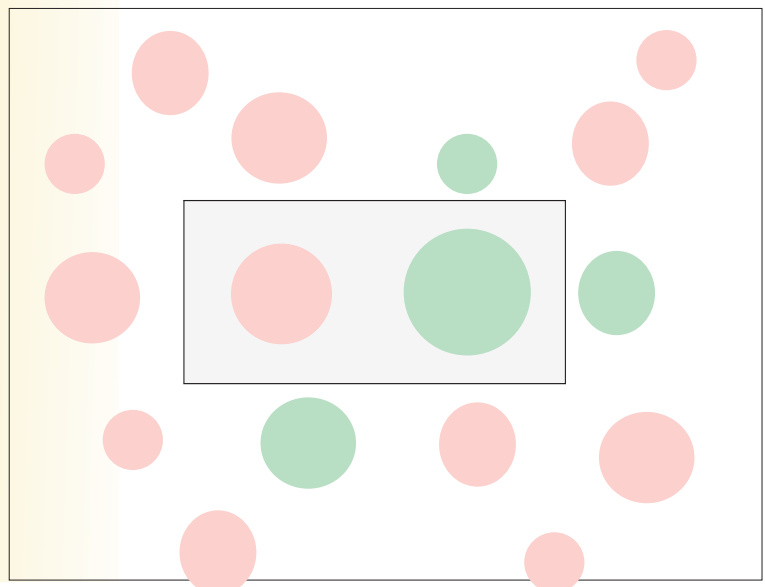
Qual dessas ações é mais simples e o que é mais fácil começar a fazer atendendo ao desejo da maioria?

Colar a bola no centro significa que a ação pode ser feita com as pessoas e os recursos da própria comunidade;

Colar a bola distante do centro significa que a ação para ser realizada depende de pessoas e recursos de fora da comunidade;

- Ao final deste momento, vai ter um mapa de prioridades como este, com objetivos definidos.

Mapa das prioridades



Viabilidade:

Dentro do quadrado (fácil de realizar, depende só da comunidade)

No limite do quadrado pequeno (depende da comunidade, mas precisa falar com outros)

Fora do quadrado (depende de terceiros).

8º momento: Planejando as atividades

Escolher objetivos mais centrais do mapa de prioridades e definir as responsabilidades e o detalhamento das ações para atingir cada objetivo (trabalhar 3 ou mais objetivos).

Responsabilidade

Elaborar um plano de ação, conforme o quadro abaixo:

-Vamos começar a organizar o que vamos fazer e quem vai fazer cada coisa?

Objetivo: _____

Atividade	Responsável	Participantes	Quando	Como	Onde	Observações
1						
2						
3						
4						

Verificar se todos entenderam o que devem fazer

9º momento: Avaliando a oficina (os participantes avaliam)

Análise

Avaliar logística, objetivos, planejamento, metodologia e condução, olhar e satisfação dos participantes (ver roteiro de avaliação da oficina no Apêndice).

Marcar o próximo encontro.

Terminar a oficina com palavras de motivação.

- Ao final deste momento, teremos um registro da reunião e da avaliação

Reflexão

- Vamos marcar o próximo encontro para avaliar o andamento das atividades e planejar novas ações?

10º momento: Acompanhando e apoiando

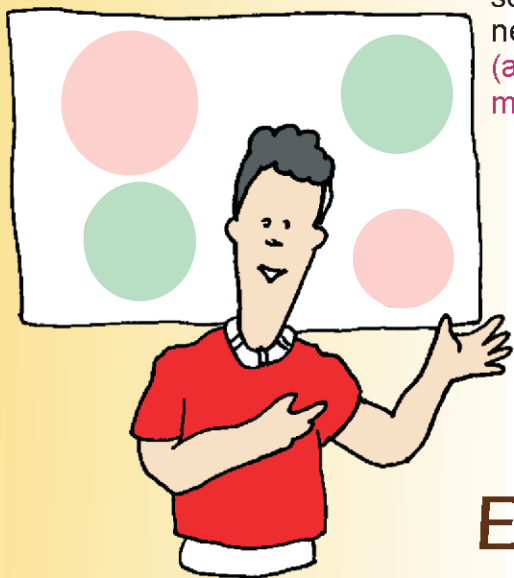
Acompanhar o desenvolvimento das ações

Reflexão

Realizar reuniões periódicas para acompanhar

o andamento das atividades e planejar novas ações.

Perguntar se as atividades foram realizadas conforme o que foi planejado: em caso positivo, perguntar se as próximas atividades estão sendo planejadas e realizadas; em caso negativo, verificar porque não foram realizadas (ao final do manual você tem um roteiro de monitoramento das atividades).



Em resumo...

Podemos resumir este passo a passo da seguinte maneira:

Objetivo	Atividade	Quem	Materiais	Tempo aproximado
Aproximar pessoas	Acolhimento (momento 2)	Facilitador coordena e o grupo realiza	Música e jogos	15 minutos
Esclarecer os objetivos do encontro e da proposta	Diálogo (momento 3)		5 minutos	
Identificar potencialidades e sonhos	Relatos e Diálogos (momentos 4 e 5)		Papel madeira e pincel atômico	30 minutos
Organizar os objetivos e prioridades - Partindo do que temos hoje, o que podemos fazer de mais simples, agindo juntos, para melhorar nossas vidas?	Mapa das prioridades (momentos 6 e 7)		Papel madeira, pincel atômico, cartolinas verde e rosa	60 minutos
Definir ações	Elaboração do plano de ações (momento 8)		Roteiro do plano de ação	40 minutos
Analisar o que foi realizado	Avaliação e monitoramento (momentos 9 e 10)		Roteiro de avaliação	20 minutos

A previsão de duração de cada oficina é de, aproximadamente, três horas.

4.3 Uma experiência de oficina

A oficina começa com a mobilização e reunião do grupo na comunidade.



No dia marcado, um grande grupo se encontrou na associação. Um dos primeiros passos foi a apresentação das pessoas...



Logo no começo teve uma dinâmica para descontrair os participantes.

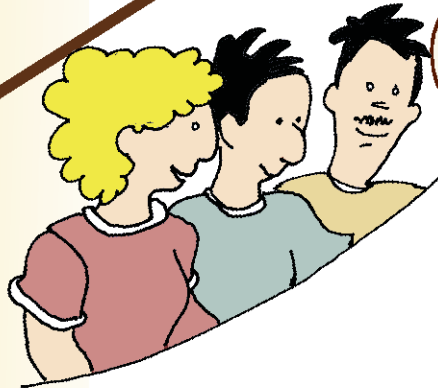


É hora de identificar os pontos fortes da comunidade, as experiências de sucesso que deram certo... Depois disso vamos descrever a comunidade dos nossos sonhos. Quais são nossas idéias e sugestões?



Vamos pensar nas coisas boas que já fizemos em conjunto e que deram certo? Como a gente imagina uma comunidade saudável?

Definindo os objetivos e as prioridades...

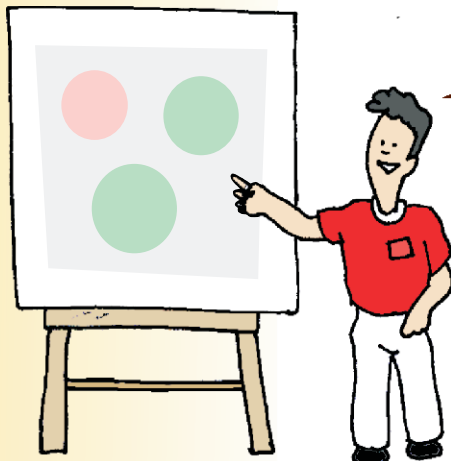


O que vamos fazer de mais simples para melhorar nossas vidas?



Aonde a gente pretende chegar? O que podemos conseguir.

Este objetivo é muito interessante. Quanto tempo precisamos para atingi-lo?



Vamos ver o que é mais importante de todas essas coisas e o que é mais fácil conseguir fazer para começar.

Definição de responsabilidades e detalhamento das ações para atingir cada objetivo.

Objetivo:

ATIVIDADE	QUEM	QUANDO	COMO	ONDE	OBS



Vamos organizar o que fazer e quem vai se responsabilizar.

Avaliação da oficina...



Quais foram os pontos positivos e os negativos da oficina?

O momento de encerramento da oficina deve ajudar na compreensão dos seus resultados e no fortalecimento do grupo...

Vamos marcar pra gente se encontrar de novo, pra ver o que deu certo e o que não deu pra fazer?



5 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO ACOMPANHAMENTO E DA AVALIAÇÃO

O acompanhamento das ações planejadas e executadas deve estar em função da melhoria dessas ações.

A avaliação exige um olhar geral e não apenas sobre os aspectos específicos da experiência realizada, com vistas a perceber os avanços conquistados e o poder de continuar realizando e aperfeiçoando ações em conjunto.

A avaliação inclui uma tomada de decisão sobre o que foi executado e analisado, cuja função e valor são também fortalecer a autonomia.

Você deve ter observado que as oficinas envolvem o pessoal em atividades de reflexão e planejamento coletivos e, para tanto, é importante que o material produzido pelo grupo fique permanentemente exposto nas paredes, de forma a reavivar na cabeça das pessoas as idéias criadas ao longo da oficina. Esta é uma forma de avaliação permanente e realizada por todos.

O registro das reuniões pode ser escrito tanto pelo facilitador durante ou ao final da oficina, como por qualquer outra pessoa que se disponha a ajudar nesta tarefa. O registro serve como memória coletiva, ou seja, não é um instrumento de acompanhamento e análise que serve apenas para o facilitador, mas para o grupo.

“Tudo o que vale a pena ser feito, vale a pena ser avaliado”. (Akerman, 2006)

6 SUGESTÕES DE LEITURAS

A LIÇÃO DO BAMBU CHINÊS

Depois de plantada a semente deste incrível arbusto não se vê nada, por aproximadamente 5 anos, exceto o lento desabrochar de um diminuto broto, a partir do bulbo. Durante 5 anos, todo o crescimento é subterrâneo, invisível a olho nu, mas... uma maciça e fibrosa estrutura de raiz, que se estende vertical e horizontalmente pela terra, está sendo construída.

Então, no final do 5º ano, o bambu chinês cresce até atingir a altura de 25 metros.

Um escritor, de nome Covey, escreveu:

"Muitas coisas na vida pessoal e profissional são iguais ao bambu chinês.

Você trabalha, investe tempo, esforço, faz tudo o que pode para nutrir seu crescimento e, às vezes, não vê nada por semanas, meses ou anos. Mas se tiver paciência para continuar trabalhando, persistindo e nutrindo, o seu 5º ano chegará e com ele virão um crescimento e mudanças que você jamais esperava...

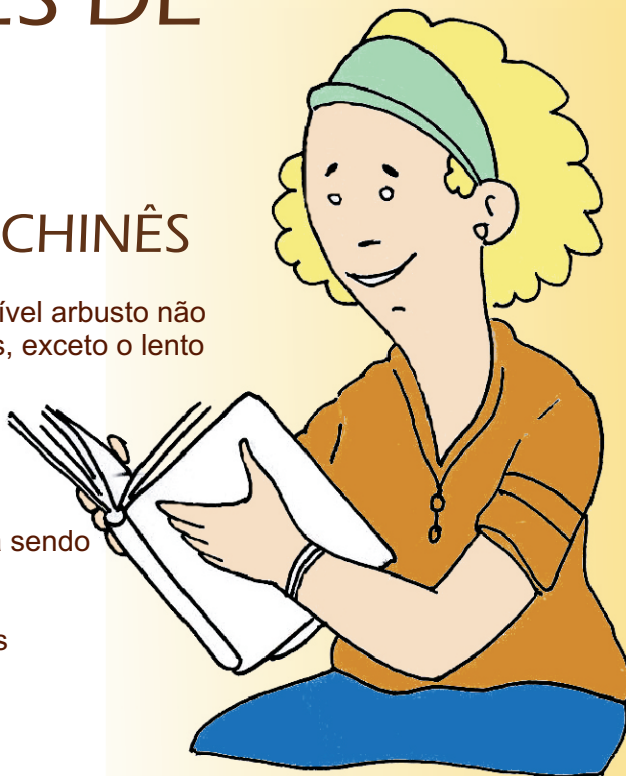
O bambu chinês nos ensina que não devemos desistir tão facilmente de nossos projetos, de nossos sonhos... Especialmente em nosso trabalho, que é um projeto fabuloso que envolve mudanças de comportamento, de pensamento, de cultura e de sensibilização.

Em nossas ações devemos sempre lembrar do bambu chinês, para não desistirmos facilmente diante das dificuldades que surgirão.

Tenha sempre dois hábitos:

Persistência e Paciência, pois você merece alcançar todos os seus sonhos!!!

É preciso muita fibra para chegar às alturas e, ao mesmo tempo, muita flexibilidade para se curvar ao chão."



A FELICIDADE

Os seres humanos agem conscientemente e cada um de nós é senhor de sua própria vida. Mas como resolvemos o que fazer? Você em algum momento já pensou em como você toma as suas decisões sobre o que fazer em determinada situação? Você age impulsivamente, fazendo “o que lhe der na telha” ou analisa cuidadosamente as possibilidades e as conseqüências, para depois resolver o que fazer?

A filosofia pode nos ajudar a pensar sobre nossa própria vida. Chama-se ética a parte da filosofia que ajuda a pensar as ações humanas e os seus fundamentos. Um dos primeiros filósofos a pensar a ética foi Aristóteles, que viveu na Grécia no século IV a.C. Esse filósofo ensinava numa escola a qual deu o nome de Liceu, e muitas de suas obras são resultados das anotações que os alunos faziam das suas aulas. As explicações sobre ética foram anotadas pelo filho de Aristóteles chamado Nicômaco e, por isso, esse livro é conhecido por nós com o título de Ética a Nicômaco.

Em suas aulas, Aristóteles fez uma análise do agir humano que marcou decisivamente o modo de pensar ocidental. O filósofo ensinava que todo conhecimento e todo trabalho visam a algum bem. O bem é a finalidade de toda ação. A busca do bem é o que difere a ação humana da de todos os outros animais.

Ele perguntou: qual é o mais alto de todos os bens que se podem alcançar pela ação? E como resposta encontrou: a felicidade. Essa resposta formulada pelo filósofo encontra eco até nossos dias. Tanto o homem do cotidiano como todos os grandes pensadores estão de acordo que a finalidade da vida é ser feliz. Identifica-se o bem viver e o bem agir com o ser feliz.

No entanto, disse Aristóteles, a pergunta sobre o que é a felicidade não é respondida igualmente por todos. Cada um de nós responde de uma forma singular. Essa singularidade na resposta é partilhada por outros indivíduos com os quais convivemos. Portanto, no processo de nossa educação familiar, religiosa e escolar aprendemos a identificar e ser feliz com os valores que sustentam nossas ações.

Toda produção histórica dos seres humanos consiste em criar condições para que o homem seja feliz. Todas as religiões, as filosofias de todos os tempos, as conquistas tecnológicas, as teorias científicas e toda a arte são criações humanas que procuram apresentar condições para a conquista da felicidade. O processo civilizatório iniciou-se como a promessa da felicidade.

O VOLUNTARIADO

Todos podem ser voluntários

Não é só quem é especialista em alguma coisa que pode ser voluntário. Todas as pessoas têm capacidades, habilidades, dons. O que cada um faz bem pode fazer bem a alguém.

Voluntariado é uma relação humana, rica e solidária

Não é uma atividade fria, racional e impessoal. É relação de pessoa a pessoa, oportunidade de se fazer amigos, viver novas experiências, conhecer outras realidades.

Trabalho voluntário é uma via de mão dupla

O voluntário doa sua energia e criatividade, mas ganha em troca contato humano, convivência com pessoas diferentes, oportunidade de aprender coisas novas, satisfação de se sentir útil.

Voluntariado é ação

Não é preciso pedir licença a ninguém antes de começar a agir. Quem quer, vai e faz.

Voluntariado é escolha

Não há hierarquia de prioridades. As formas de ação são tão variadas quanto as necessidades da comunidade e a criatividade do voluntário.

Cada um é voluntário a seu modo

Não há fórmulas nem modelos a serem seguidos. Alguns voluntários são capazes, por si mesmos, de olhar em volta, arregaçar as mangas e agir. Outros preferem atuar em grupo, juntando os vizinhos, amigos ou colegas de trabalho. Por vezes é uma instituição inteira que se mobiliza, seja ela um clube de serviços, uma igreja, uma entidade beneficente ou uma empresa.

Voluntariado é compromisso

Cada um contribui na medida de suas possibilidades mas cada compromisso assumido é para ser cumprido. Uns têm mais tempo livre, outros só dispõem de algumas poucas horas por semana. Alguns sabem exatamente onde ou com quem querem trabalhar. Outros estão prontos a ajudar no que for preciso, onde a necessidade é mais urgente.

Voluntariado é uma ação duradoura e com qualidade

Sua função não é tapar buracos e compensar carências. A ação voluntária contribui para ajudar pessoas em dificuldade, resolver problemas, melhorar a qualidade de vida da comunidade.

Voluntariado é uma ferramenta de inclusão social

Todo mundo tem o direito de ser voluntário. As energias, recursos e competências de crianças, jovens, pessoas portadoras de deficiência, idosos e aposentados podem e devem ser mobilizadas.

Voluntariado é um hábito do coração e uma virtude cívica

É algo que vem de dentro da gente e faz bem aos outros. No voluntariado todos ganham: o voluntário, aquele com quem o voluntário trabalha, a comunidade.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- AKERMAN, Marco. *Avaliação Participativa de Municípios, Comunidades e Ambientes Saudáveis: a trajetória brasileira - memória, reflexões e experiências*. São Paulo: Mídia Alternativa, 2006.
- BAUMAN, Zigmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- GALLO, Silvio (Coord). *Ética e Cidadania: Caminhos da Filosofia. Elementos para o Ensino de Filosofia*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- GANDIM, Danilo. *A prática do planejamento participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- GOHN, Maria da Glória. *Educação Não-Formal e Cultura Política*. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____. *Movimentos sociais e educação*. São Paulo: Cortez, 2005.
- GONÇALVES, Ana Maria; e PERPÉTUO, Susan Chiode. Adolescência: Época de Planejar a Vida (AEPV). In: *Dinâmica de grupos na formação de lideranças*. Belo Horizonte, MG: DP&A, 2000.
- Instituto de Nutrición y Tecnología de los Alimentos - INTA. Disponível em: < <http://www.inta.cl> > Acesso em: 22 fev. 2007. Modelos de Intervención Promocional em Centros de Atención Primaria. Chile: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: < <http://www.inta.cl> > Acesso em: 22 fev. 2007.
- Projeto Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil. NUSP, JICA, CONDEPE-FIDEM. *Roteiro para construir o Método Bambu na Comunidade*. Recife: nov. 2005 (mimeo).
- PORTAL DO VOLUNTÁRIO. *O que é voluntariado*. Dez dicas sobre voluntariado. Disponível em: < <http://www.portaldovoluntario.org.br> > Acesso em: 11 abr. 2007.
- SILVA, Rosalina Carvalho da. *Metodologias participativas para trabalhos de promoção de saúde e cidadania*. São Paulo: Vetor, 2002.
- ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed; Petrópolis: Vozes, 1994.
- FRANCO DE SÁ, Ronice; YUASA, Moto; VIANA, Valdilene. *Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil - Conceitos, metodologia e relações institucionais*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.
- MENEZES, Abel; FRANCO DE SÁ, Ronice e FREIRE, Socorro. O Método Bambu. In Franco de Sá, R.; Yuasa, M. e Viana, V.. *Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil Conceitos, metodologia e relações institucionais*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.
- MELO FILHO, Djalma A.; FRANCO SÁ, Ronice e CHUMA, Junko. *Avaliação de capital social nas áreas de abrangência do Projeto Municípios Saudáveis do Brasil*. Recife: Editora Bagaço, 2006.
- FRANCO DE SÁ, Ronice; VIANA, Valdilene; NISHIDA, Misa e YUASA, Moto. UFPE NUSP/Recife: *Municípios Saudáveis no Nordeste do Brasil*. In Akerman, M. e Mendes, R. *Avaliação participativa de municípios, comunidades e ambientes saudáveis: a trajetória brasileira memória, reflexões e experiências*. São Paulo: Mídia Alternativa, 2006.
- SERRÃO, Margarida. BALEEIRO, Maria Clarice. *Aprendendo a ser e a conviver*. [colaboradores Feizi M. Milani, Gisele Ribeiro e Kátia Queiroz], _ São Paulo: FTD, 1999.

PROJETO MUNICÍPIOS SAUDÁVEIS NO NORDESTE DO BRASIL

LISTA DE PRESENÇA

Data: ___/___/____

Local: _____

	NOME	ENDEREÇO/FONE
1.		
2.		
3.		
4.		
5.		
6.		
7.		
8.		
9.		
10.		
11.		
12.		
13.		
14.		
15.		
16.		
17.		
18.		
19.		
20.		
21.		

ROTEIROS DE AVALIAÇÃO DA OFICINA

Avaliação da oficina a ser realizada pelos participantes

Favor expressar suas impressões sobre os itens descritos na graduação ótimo, bom, regular e ruim, marcando X.

Comentários

Fazer comentários escritos se quiser

		ótimo	bom	regular	ruim
Logística					
	Forma de convidar				
	Local de encontro				
	Espaço Físico				
	Adequação do tempo				
Atuação					
	Condução dos facilitadores				
	Metodologia aplicada				
	Comportamento do Grupo				
	Alcance do objetivo pelo grupo				
Satisfação geral dos participantes					
	Escuta do facilitador				
	Igualdade de condições para falar				
Auto-avaliação dos participantes					

Avaliação da oficina a ser realizada pelos facilitadores

Favor expressar suas impressões sobre os itens descritos na graduação ótimo, bom, regular e ruim, marcando X.

Comentários

		ótimo	bom	regular	ruim
Logística					
	Forma de convidar				
	Local de encontro				
	Espaço Físico (Sala etc.)				
	Adequação do tempo				
Atuação					
	Condução como facilitador				
	Metodologia que aplicou e Produtos				
	Envolvimento do Grupo				
	Alcance do objetivo pelo grupo				
Olhar/Satisfação dos participantes					
	Conforto dos Participantes				
	Escuta dos condutores				
	Equidade das falas				
	Posturas corporais				
	Criatividade e bom-humor				

Escrever sua avaliação qualitativa

ANEXOS



SUGESTÕES DE DINÂMICAS

Técnica : A Teia do Grupo

Objetivos: Propiciar o fechamento de uma etapa da dinâmica grupal;
Possibilitar a despedida afetiva e/ou uma avaliação carinhosa .

Material: Rolo de barbante ou novelo de lã.

Desenvolvimento:

1. Grupo em círculo, sentado.
2. O facilitador segura o rolo de barbante ou o novelo de lã e inicia a atividade, jogando-o para um dos participantes.
3. O participante que receber o rolo/novelos amarra o fio no dedo indicador, de modo a manter a linha esticada . Diz, então, uma palavra que represente seu sentimento neste momento.
4. Escolhe um companheiro, olha-o, fala alto o nome dele e atira-lhe o novelo. Segue se o mesmo

procedimento, até que o novelo tenha passado por todas as pessoas, formando uma teia. A teia das relações.

5. Pedir que todos levantem o dedo em que o fio está preso de modo que o grupo possa olhar a teia.

6. Solicitar que depositem a teia, com cuidado, no chão.

7. Pedir que, lentamente, todo o grupo comece a empurrar a teia até o centro da sala. Até o coração do grupo.

8. Ao facilitador cabe falar sobre o sentimento grupal, enquanto recolhe o “bolo” de lã ou barbante, dando com sua palavra um significado à emoção.

9. Fechamento: o facilitador solicita que todo o grupo se dê um grande abraço - o abraço coletivo.

COMENTÁRIO:

Esta dinâmica trabalha com o lúdico e com as emoções. É mobilizadora e permite que o participante possa pensar sobre a sua relação como grupo ao final de uma etapa de trabalho .

O facilitador precisa estar atento para o emergir das emoções, permitindo que elas possam fluir, ao mesmo tempo em que cuida para que não tomem proporções indevidas, desviando a atenção e a energia grupal do foco principal do trabalho, que deve ser a percepção do vínculo existente entre os componentes do grupo.

Dependendo do objetivo da atividade, pode-se pedir ao grupo que, em vez de dizer uma palavra que represente o sentimento do momento (item nº 3), complete uma frase do tipo: “**Aprendi que...**”, “**Pude perceber que...**” etc.

Técnica: Apresentando a Qualidade do Outro

Objetivos: Promover a integração e a troca; dar-se conta das qualidades individuais.

DESENVOLVIMENTO:

1. Grupo em círculo, sentado.
2. O facilitador pede que se olhem, reconhecendo-se e reconhecendo as qualidades positivas mais marcantes de cada um.
3. Escolher um participante para que inicie o trabalho, apresentando um companheiro para o grupo. Na apresentação, seguir o modelo:

“Este (a) é _____ (nome) _____, que é uma pessoa _____ (qualidades pessoais) _____”.

A princípio, não é permitido apresentar mais de uma vez a mesma pessoa.

4. Quando todos tiverem sido apresentados, abrir ao plenário para que cada um avalie as qualidades que lhe foram atribuídas.

COMENTÁRIO:

É sempre positivo enunciar o que as pessoas têm de bom, reforçando suas qualidades e tornando-as conhecidas por todos.

Como só se trabalha o positivo, esta atividade é leve e pode ser enriquecida, solicitando-se que uma pessoa seja apresentada por mais de um componente do grupo, ou que ela própria se apresente após ouvir sua descrição feita por um companheiro.

Esta dinâmica deve ser realizada quando os participantes já tem algum conhecimento entre si ou em momentos em que o facilitador percebe ser necessário elevar a “moral” do grupo ou trabalhar a auto-estima.

Técnica : O Que me Une

Objetivos: Possibilitar a troca afetiva entre os participantes; expressar os sentimentos através da linguagem corporal e verbal.

Desenvolvimento:

1. Grupo em círculo, de pé.
2. O facilitador pede que cada participante, em seqüência , complete a seguinte frase: “O que me une a este grupo é...”.
3. Quando todos tiverem se manifestado, solicitar que, seguindo a seqüência no círculo, cada pessoa escolha alguém, se dirija a esta, segure suas mãos e complete a frase : “O que me une a você é...”
4. Ao completar a seqüência, pedir que um por vez vá ao centro do grupo, expressando o seu sentimento com um gesto ou movimento corporal, sem utilizar palavras.
5. Plenário - compartilhar com o grupo suas percepções :
 - * O que ouvi que mais me chamou a atenção?
 - * O que vi que mais me chamou a atenção?

Comentário:

Lidar com sentimentos e emoções exige uma atenção especial por parte do facilitador. É preciso estar atento para o que emergir do grupo, podendo, desta maneira, intervir sempre que for necessário.

É importante que as pessoas que não foram escolhidas se dêem conta de como se relacionam com o grupo e que possam buscar novas atitudes que favoreçam a integração.

Técnica: Carrossel Musical

Objetivos: Promover a integração entre os participantes; estabelecer um clima de maior intimidade dentro do grupo; ampliar o conhecimento de si e do grupo.

Material: Gravador, fita cassete ou CD.

Desenvolvimento:

1. Formar dois círculos, de pé, um dentro do outro, com o mesmo número de participantes, de modo a formar duplas, frente a frente.
2. O facilitador coloca uma música alegre, solicitando que ambos os círculos se movimentem para seu lado direito, no ritmo. Quando a música for interrompida pelo facilitador, o grupo deve parar onde estiver, procurando arrumar-se frente a frente, formando um novo par.
3. Os pares devem dizer o próprio nome um ao outro e responder ambos à pergunta feita pelo facilitador.
4. Repetir o mesmo procedimento dos passos 2 e 3, cinco ou seis vezes, com perguntas diferentes, de acordo com o tema que se deseja trabalhar.

Exemplos:

O que em você mais atrai as pessoas?

O que você mudaria em si próprio ?

Qual a qualidade que mais aprecia em você ?

Comentário:

O facilitador pode aumentar o número de questões, mudá-las ou adaptá-las para outras temáticas. A atividade permite inúmeras variações e pode, assim, ser realizada mais de uma vez, no mesmo grupo, em diferentes ocasiões. O facilitador deve ter cuidado nos momentos de pausa, para as duplas não se repetirem.

Esta dinâmica, além de trabalhar a integração grupal, favorece o surgimento de percepções relacionadas à identidade.

Na ausência de gravador, pode-se pedir ao grupo que, ao circular, cante uma música.

Texto retirado de Serrão e Baleeiro, 1999.



Método Bambu

Abel Menezes

Começa tão frágil grama
Que o pé mais leve não toca
Diante da brisa sussurra
Ao vento forte verga
Mas não quebra

Tal como a água
Aponta para a modéstia
É moinho e canal
Arco e flecha
Flauta e asa

Garfo e colher colhem o alimento
Seu miolo é palmito
Não dá o peixe pronto
Ensina a pesca

É cerca e porta
Vela, barco e ponte
Parede, chão e teto
Mesa, cadeira e estante

Sua mensagem é ser flexível
dos pés a cabeça
coluna vertebral ereta
digna para cima cresce
e acrescenta, a cada vez, outros nós
Sua lição é que um pode ser mil
O bambu e o bombril.

Bandeiras da cidade em festa
Pipa brincadeira de criança
Mexe a cintura o prazer
Dança
Bambu Bamboê.

ORGANOGRAMA DO PROJETO “MUNICÍPIOS SAUDÁVEIS NO NORDESTE DO BRASIL”

COMITÊ DE COORDENAÇÃO CONJUNTA DO PROJETO (CCCP)

Amaro Henrique Lins
Reitor da UFPE

Geraldo Júlio de Mello Filho
Secretário da SEPLAG/PE

Ronice Franco de Sá
Diretora do NUSP/UFPE

Luiz Quental Coutinho
Diretor Presidente da Agência CONDEPE/FIDEM

Vídyia Alves Moreira
Yuri Souza
Representantes da ABC/Ministério das Relações Exteriores

Alberto George Pereira de Albuquerque
Prefeito de Barra de Guabiraba

Maria Lúcia Heráclito de Souza Lima
Prefeita de Bonito

José Geovane Bezerra
Prefeito de Camocim de São Félix

Everaldo Dias de Arruda
Prefeito de Sairé

José Lino da Silva Irmão
Prefeito de São Joaquim do Monte

Misa Nishida
Chefe da Missão Japonesa

Sadanobu Ueno
Saeko Yamamoto
Toshihiro Nakajima
Peritos da JICA

Masahiro Kobayashi
Coordenador do Escritório da JICA Brasil

GRUPO DE AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO

Ronice Franco de Sá
Djalma Agripino de Melo Filho
Misa Nishida
Claudia Soares de Melo
Maria das Graças de Albuquerque Tavares
Mariza Maia de Andrade
Albanita Martins Cardoso Dias

GRUPO DE CAPACITAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

Maria do Socorro Machado Freire
Janete Arruda Araújo
Saeko Yamamoto
Helena Miyuki Makiyama
Maria Aparecida Apolinário de Oliveira
Maria Edione da Silva
Elze Suely Costa Martins de Oliveira

GRUPO DE ARTICULAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Rosane Paula de Senna Salles
Toshihiro Nakajima
Sadanobu Ueno
Paulo da Fonte

Célia Maria Albuquerque Trindade
Cleber dos Santos Bunzen
Leandro Alberto de Castro Silva
José Amal Ferreira da Mota
João Francisco de Melo Neto

GRUPO DE APOIO

Edivaldo Ferreira da Silva
José Barboza Lima Sobrinho
Margarida Hercília dos Santos
Maria da Luz da Silva
Maria das Dores da Silva
Walberto do Carmo Vieira de Melo

ESTAGIÁRIOS

Daniella Cristina de Souza Lisboa -Terapia Ocupacional
Diana Maria Ribeiro de Sousa - Ciências Econômicas
João Henrique Lins Andrade Lima - Design Gráfico / Webdesign
Maria Rafaella da Fonseca Pimentel Nutrição
Milena de Melo Cavalcanti Medicina
Milena Oliveira de Moraes e Silva Enfermagem
Mônica Zaira de Siqueira Melo - Serviço Social
Monique Feitosa de Souza Enfermagem
Nathália Soares Campos Medicina
Rafaela de Melo Vasconcellos - Com. Social / Jornalismo
Sérgio Rodrigo da Silva Santos - Com. Social / Rádio
E TV
Talita Poliana Guedes da Silva Turismo
Waleska Maria Chaves Lima - Pedagogia

SUPERVISORES E FACILITADORES

MUNICÍPIO DE BARRA DE GUABIRABA

José Inaldo Isaac de Macedo Supervisor
Ezequiel Cícero da Silva Supervisor
Paulo Rufino Facilitador
Darlene Glória Torres X. da Silva Facilitadora
Waldiane Bezerra da Silva - Facilitadora
Jucélia Rufino- Facilitadora

MUNICÍPIO DE BONITO

José Wemerson de Oliveira - Supervisor
Mônica Maria Rodrigues de Lima - Supervisora
Cícero Rodrigues dos Santos Facilitador
Gilsomar Silva - Facilitador
Wagner Wilker Lopes Brainer Facilitador

MUNICÍPIO DE CAMOCIM DE SÃO FÉLIX

Isaura Cristina Pereira Supervisora
José Márcio Mendonça da Silva Supervisor
Adalberto José de Santana Facilitador
Maria do Carmo Cesário - Facilitadora

MUNICÍPIO DE SAIRÉ

José Wendes de Oliveira Supervisor
Ilca Cristina da Silva Supervisora
Eugênio Galvão Facilitador
Ana Cabral da Silva Facilitadora
Lindinaldo Araújo Bezerra
Maria Aliete Torres Ferreira Facilitadora

MUNICÍPIO DE SÃO JOAQUIM DO MONTE

Agrício Armando dos Santos Supervisor
Walter Silva Supervisor
Maria Amara Barbosa Facilitadora
Maria do Socorro dos Santos
Arlane Barbosa

